



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS NO TERRITÓRIO LAKLÃNÕ/XOKLENG-SC

COPACÂM TSCHUCAMBANG

TRABALHO: CONCLUSÃO DO CURSO

ORIENTADORA: JULIANA SALLES MACHADO

Florianópolis

janeiro 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 26 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 13:30 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Juliana Salles Machado e Presidente, Professor Lucas de Melo Reis Bueno, Titular da Banca, e Professor Maria José Reis, Suplente, designados pela Portaria nº 01/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Copacãm Tschucambang, subordinado ao título: "Artefatos arqueológicos no território Laklãnõ/Xokleng - SC". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Juliana Salles Machado, a nota final 10,2, do Professor Lucas de Melo Reis Bueno, a nota final 10,2, e do Professor Maria José Reis, a nota final 10,2; sendo aprovado com a nota final 10,2. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 26 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Juliana Salles Machado

Prof. Lucas B

Prof. MJ R

Candidato Copacãm Tschucambang



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmico(a) Walderes Cotá Priprá de Almeida, matrícula n.º 111 00118, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O Mõg como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Xokleng/Laklãnõ, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 26 de janeiro de 2015.


Orientador(a)

Sumário

Resumo.....	03
Agradecimentos.....	04
Prefácio.....	05
Introdução.....	07
CAP. I - Histórico do povo Laklãnõ/Xokleng.....	08
CAP. II – Análise da coleção de artefatos	
arqueológicos.....	11
CAP. III - Entrevistas com os anciões.....	20
III.I - Sr. Alfredo Paté.....	20
III.II - Sr. Paté Vanheky Paté Filho.....	33
CAP. IV - Discussão da coleção com alunos.....	35
CAP. V- Conclusão.....	39
Referências.....	49
Anexos.....	50, 51 e 52

Resumo

Este trabalho pesquisou materiais líticos arqueológicos da coleção Copacãm Tschucambang provenientes das mediações do vale de Itajaí, na T.I. Laklãnõ e entorno. Meu intuito foi identificar e classificar os artefatos, tanto a partir de atribuições de categorias arqueológicas, quanto a partir das categorias nativas Laklãnõ/Xokleng. Busquei assim entender as possíveis utilizações dos artefatos líticos e suas matérias-primas, isto é, para que serviam e em que ocasiões eram utilizados os artefatos arqueológicos coletados. Através das informações dos anciões da aldeia busquei uma melhor compreensão do que eram estes artefatos, os nomes nativos, as histórias, os seus significados associados e a importância para o povo. Através desta análise de artefatos arqueológicas, procurei conhecer antigas aldeias (Laklãnõ/Xokleng), sendo elas parte do território tradicional Xokleng. Esta pesquisa buscou entender como este povo vivia na região antes e pós-contato com os não-indígenas a partir da conjugação tanto de uma análise arqueológica de coleção, quanto das informações orais dos anciões da aldeia.

Agradecimentos

Aos meus orientadores:

Orientadora: Professora Dra. Juliana Salles Machado.

Co-Orientador: Professor Dr. Lucas Bueno.

Pelas sugestões, contribuições e pelo esforço, sem eles este trabalho não teria sido concluído desta forma.

A(os) anciã (ões) da Terra Indígena Laklãnõ:

Sr. Alfredo Paté.

Sr. Paté Vanheky Paté Filho.

Dona Tereza Paté.

A disposição que tiveram para ceder entrevista, sem eles não teria informações para concretizar o meu trabalho.

Aos que cederam os artefatos arqueológicos:

Sr. Vivaldo Leandro.

Sr. Osvaldo Leandro.

Seu “Zezinho ou Piolho de Cobra”.

Pela atitude de ceder os artefatos arqueológicos para minha pesquisa, sem os materiais líticos, não teria feito o trabalho da forma que foi realizado.

A(s) pessoa(s) que contribui(ram) no meu trabalho:

Arqueóloga - Juliana Betarello Ramalho, que junto com Prof. Dr. Lucas Bueno, fez o trabalho de descrição das pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.

Marcondes Nanblá, fez a correção da grafia Laklãnõ/Xokleng.

A todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para este trabalho se tornar realidade.

Prefácio

Meu nome é Copacãm Tschucambang sou Laklãnõ/Xokleng e moro na aldeia Figueira da Terra Indígena Laklãnõ, no município de Vitor Meireles-SC, onde também nasci, em 1974. Sou filho de Vanheky Tschucambang e Dona Shantang Camlém Tschucambang, que na verdade são meus avós maternos, que na nossa cultura consideramos como pais (*Ág jug*), por termos sido criado por eles. Na minha infância os meus avós e os tios, tiveram uma grande importância na minha vida. Com o meu avô eu ia ao mato coletar mel e fazer armadilhas para capturar animais silvestres de pequeno porte até meus cinco anos, quando ele faleceu. Depois do falecimento do avô, foi meu tio (*Jug*) que continuou com estas atividades comigo até os meus treze anos, quando ele também faleceu, um ano antes da minha avó, que faleceu quando eu tinha quatorze anos. Embora tenham partido quando eu ainda tinha pouca idade, muitas coisas aprendi com eles, coisas que às vezes não tem explicação em português.

Após isto morei com outros tios até os meus dezoito anos, quando resolvi sair da aldeia e morar na cidade de Blumenau-SC, onde residi até os meus vinte e cinco anos. Naquele momento eu e minha esposa Keli Regina Caxias Popó (também Laklãnõ/Xokleng) resolvemos ficar juntos e retornar para a terra indígena, pois estávamos esperando o nosso primeiro filho. Aos vinte oito anos novamente voltamos para a cidade de Blumenau onde ficamos mais dois anos, mas não conseguimos mais nos adaptar. Estávamos nesse momento já com dois filhos (um menino e uma menina) e decidimos voltar definitivamente ao nosso lugar de origem, de nossa família.

Hoje eu e minha esposa ainda estamos juntos, temos uma união estável e com ela tenho seis filhos, o mais velho está com quinze anos. Meu filho mais novo está com nove meses, nasceu prematuro no mesmo período em que eu cursava a Licenciatura Intercultural, com vinte e oito semanas de gestação, e com trinta dias fez cirurgia no coração, ficando na unidade terapia intensiva (UTI) cinquenta e oito dias. No total ele ficou setenta e dois dias no hospital Regional de Rio do Sul-SC, mas hoje felizmente encontra-se bem de saúde.

Do ponto de vista de minha formação educacional, eu frequentei até a terceira série a antiga escola primária Duque de Caxias, que se encontrava na Terra Indígena, na

aldeia Sede. Depois frequentei a escola Basílio Priprá, que se encontra na aldeia Coqueiro, cursando da terceira até a quarta série. Ao término da quarta série não foi possível continuar estudando, pois não havia escola na aldeia, que na época não oferecia as demais séries e eu teria que ir para a cidade se quisesse seguir com os estudos. Bem mais tarde, quando surgiu a oportunidade de voltar a estudar, fiz a educação de jovens e adultos (CEJA) na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ na T.I. e conclui o ensino fundamental e médio.

Junto ao meu povo também me envolvi politicamente, sendo eleito cacique da aldeia Figueira da Terra Indígena Laklãnõ para o pleito de setembro de 2011 a setembro de 2014. Essa experiência como cacique me ensinou muitas coisas que foram importantes na minha vida, assim como para conhecer um pouco mais das histórias do povo, as formas de organização socioculturais e as articulações com outras instituições e órgãos públicos.

No final de 2010 resolvi retornar aos estudos e assim prestei vestibular para ingressar no curso de Licenciatura Intercultural Indígena na UFSC, que concluo em 2015. Em 2014, fruto desse ingresso na Licenciatura Indígena, me tornei professor na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, localizada na aldeia Palmeirinha.

O meu ingresso na Licenciatura Intercultural Indígena propiciou novos conhecimentos sobre o passado do meu povo, de como viveram, como enfrentaram a entrada de colonos europeus em nosso território e quais foram suas formas de luta para defender sua terra e seu modo de vida. Uma experiência contada pelos próprios Laklãnõ/Xokleng, em relação aos artefatos arqueológicos e a história, em sua própria língua, a qual eu domino e sou fluente.

Além disso, a comunidade precisa de pessoas que tenham conhecimento da história do povo e outros saberes para auxiliar as lideranças Laklãnõ/Xokleng, assim como na Escola Laklãnõ, onde sou professor e posso melhorar minha atuação como educador e pesquisador para preparar os alunos da comunidade para futuro deles e que será melhor para o povo.

Introdução

Este trabalho buscou coletar e registrar informações a partir de atribuições das categorias arqueológicas e das categorias nativas Laklãnõ/Xokleng de objetos líticos coletados na região do Alto Vale do Itajaí. Procuramos conjugar informações sobre a identificação dos artefatos arqueológicos, suas possíveis utilizações e matérias-primas e informações dos anciões, a história, significados e a importância de cada um dos objetos coletados, para que servissem e em que ocasiões eram utilizados. A análise dos artefatos arqueológicos na Terra Indígena busca entender como este povo vivia na região, favorecendo a compreensão de uma história indígena como meio de valorização sociocultural.

Os artefatos Laklãnõ/Xokleng são reflexos de sua cultura, pois no passado eles tinham sua importância, distinta da atual. No passado, o povo dependia destes artefatos para a sua sobrevivência, já que seu modo de vida era baseado na sua relação com o ambiente natural. Os artefatos Xokleng carregam história que se fundamenta na cultura do povo. A utilização destes objetos era indispensável, cada artefato tinha sua importância, com por exemplo, para caçar e se defender de seus inimigos.

Esta pesquisa buscou entender quando este povo deixou de fazer as pontas de flechas de material lítico, pois com a chegada dos não indígenas, precisamente no Vale do Itajaí-SC, o povo passou a ter acesso ao metal e a arma de fogo. Com relação ao acesso ao metal, isso ocorreu de forma gradativa antes da chamada “pacificação”, mas a arma de fogo foi uma aquisição mais recente, após 1914 até os dias de hoje. Gradativamente as pontas de flecha não foram mais produzidas e utilizadas na nossa cultura, pois outros objetos e/ou materiais fizeram com que sua utilização fosse substituída. Assim a análise de objetos antigos encontrados nos sítios arqueológicos pode nos trazer novas formas de conhecimento sobre os movimentos indígenas antes da chegada dos europeus no Brasil, especialmente no caso de Santa Catarina, no Vale de Itajaí. Pretendo assim trazer a resistência dos Xokleng para manter a alta mobilidade dentro do seu território, que ocorreu antes e pós-contato. Acredito que o conhecimento de nossos antepassados sobre o território, pode fazer com que as pessoas tenham outro olhar e outra maneira de pensar sobre o nosso povo.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG

No passado os Xokleng se dividiam em vários subgrupos, entre eles *Ágdjin*, *Glókózy tō pléj*, *Kózy klã nō* e *Laklãnõ*¹. Atualmente se reconhece apenas Laklãnõ/Xokleng. Conhecedores do “ciclo da natureza”, nosso povo entendia onde podiam explorar e em que época deveriam fazê-lo, pois tinham alta mobilidade dentro do território de ocupação.

Conforme o tempo de caça e coleta estavam em um determinado lugar, assim se reencontravam para fazer seus rituais; como casamentos, purificação das viúvas, perfuração do lábio inferior dos meninos, tatuagem de identificação na perna esquerda das meninas, ou ainda para fazer as trocas de novos conhecimentos com outros grupos do mesmo povo. Existiam pontos de referência para povo se localizar, desta forma dominavam um extenso território. Segundo alguns autores (Santos 1973, Lavina 1994) o território tradicional Xokleng, se estendia do Rio Grande do Sul ao Paraná, mas poderia ir muito além.

Antes da chegada dos colonos europeus em Santa Catarina, precisamente no Vale do Itajaí, a base de alimentação do povo Laklãnõ/Xokleng era composta principalmente da caça de animais silvestres, pinhão, frutas nativas e mel. Depois, com a chegada dos não indígenas que passaram a ocupar grande parte do território e empreender ataques e perseguições, os Laklãnõ/Xokleng deixaram de fazer muitas dessas atividades, consideradas fundamentais para a sua alimentação e o seu modo de vida. Mesmo sofrendo sucessivos ataques e perseguições armadas pelos não indígenas, o povo Laklãnõ/Xokleng empreendeu forte resistência, contra-atacou os não indígenas e buscou se manter dentro do seu território tradicional. Neste sentido, este grupo conseguiu sobreviver até a chamada “pacificação”, que ocorreu em 22 de setembro de 1914, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Após o contato, o povo Laklãnõ/Xokleng sofreu muitas perdas, principalmente pelas imposições do SPI (Secretaria de Proteção ao Índio), que condenava as práticas da

¹ Sobre os nomes dos subgrupos, há várias versões dentre os sábios. Para uma maior discussão sobre este tema seria necessário uma pesquisa mais aprofundada.

nossa cultura, costumes, tradições, crenças, e conhecimentos tradicionais. O SPI e suas escolas, assim como as missões religiosas, fizeram com que fossem substituídos os remédios e a alimentação tradicional por industrializados, desconsiderando os conhecimentos milenares de nosso povo e condenou sua crença e o uso das pinturas corporais, que definiam a linhagem das famílias e a forma de se organizar. Devido a essas interferências sobre as crenças e o modo de vida, o povo Laklãnõ/Xokleng aos poucos foi deixando seus costumes, coletividade e outras práticas tradicionais do povo.

Além disso, muitas vidas se perderam por contaminações de doenças desconhecidas pelo povo, sem falar da perda do seu território tradicional, aonde se encontravam todos os conhecimentos, sendo confinados em um só local.

Na década de 1920 o governo do Estado de Santa Catarina ‘reservou’ uma pequena área, reduzindo seu imenso território a uma pequena área de ocupação. Contudo, esse território já reduzido foi ainda mais uma vez diminuído, pois na década de 1950 o governo do Estado de Santa Catarina mais uma vez tomou parte da “reserva” que havia destinado aos Laklãnõ/Xokleng, deixando-os com apenas 14 mil hectares. Se não bastasse, na década de 1970 o Governo Federal construiu uma barragem de contenção de cheias na divisa da Terra Indígena, sem que nenhuma consulta fosse feita ao povo até hoje, nenhum estudo de impacto ambiental e social foi feito. Este empreendimento trouxe mais prejuízo ao povo Laklãnõ/Xokleng, que mais uma vez viu seu território ser diminuído, encobrindo áreas onde o povo fazia pequenas lavouras, coletava ervas medicinais e outros tipos de plantas usadas na confecção de artesanatos, além dos lugares sagrados na memória do povo. Tomada pelas águas, a comunidade foi obrigada a deixar o local e fazer suas casas próximas às encostas, que não são apropriadas para moradia. Muitas promessas de indenização foram feitas, mas até a data de hoje o povo Laklãnõ/Xokleng ainda espera sem ser atendido.

Atualmente a Terra Indígena está dividida em oito aldeias: Sede, Pavão, Barragem, Pamleirinha, Figueira, Coqueiro, Toldo, Bugio e Taquaty, esta última, uma aldeia guarani.

A história do povo Laklãnõ/Xokleng e o processo de “pacificação” que sofreu no início do século XX foram escritos e analisados por muitos pesquisadores não indígenas (Santos 1973). Mas, poucas vezes essas histórias escritas por não indígenas chegaram até o povo Laklãnõ/Xokleng. Para reverter essa forma de retratar a história da “pacificação”, pesquisei com pessoas da própria comunidade, a partir do ponto de vista dos próprios Laklãnõ/Xokleng.

Através da pesquisa entre anciões e anciãs da comunidade, consegui entender mais a história Laklãnõ/Xokleng e transmitir para as pessoas como este povo vivia e vive na região, atualmente denominada Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng, abrangendo os municípios de Vitor Meireles, José Boiteux, Doutor Pedrinho e Itaiópolis, no estado de Santa Catarina.

Com isto pretendo registrar uma parte da história, oportunizando a juventude a conhecer melhor a sua própria história, fortalecendo assim a identidade Laklãnõ/Xokleng. Pretendo mostrar novas formas de pensar sobre o nosso povo, pois a comunidade comenta que as histórias registradas pelos pesquisadores não indígenas, tem uma forma de expressão diferente, talvez porque as pessoas da comunidade que foram pesquisadas na época não entendiam e não falavam bem a língua portuguesa, portanto podem ter tido uma interpretação equivocada das perguntas dos pesquisadores. Mesmo sem entender direito, há palavras que só tem explicação na língua materna Laklãnõ/Xokleng. Da mesma forma, esta falta de compreensão pode estar relacionada há uma incompreensão dos próprios pesquisadores, que não são falantes fluentes da língua Laklãnõ/Xokleng.

CAPÍTULO II

A COLEÇÃO DE ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS COPACÂM TSCHUCAMBANG

Neste capítulo apresentarei os materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng no passado que compõem a coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. A coleção será descrita abaixo conjuntamente com os dados de coleta e os relatos dos episódios de doação. Estas informações são importantes pois nos revelam sobre as distintas visões que os não indígenas e os indígenas tem sobre estes mesmos objetos. Para tanto, os dados serão apresentados da seguinte forma: entrevista/doação; a descrição dos objetos (elaborada conjuntamente com Lucas Bueno); os dados de coleta; relatos e a imagem dos materiais líticos.

Entrevista/Doação 01:



Figura-01: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng no passado, Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

Descrição dos objetos: A identificação e classificação dos artefatos foram realizadas a partir de atribuições de categorias arqueológicas feitas junto ao Prof. Dr. Lucas Bueno.

Este conjunto é composto por 6 artefatos, todos da mesma matéria prima – basalto e apresenta artefatos polidos e brutos, sendo os brutos aqueles que apresentam transformações decorrentes do uso. Para descrição das peças faremos uma numeração de 1 a 6, da esquerda para direita.

Artefato 1: Artefato constitui um seixo de basalto de forma arredondada, com faces laterais relativamente planas e paralelas e extremidades pouco pronunciadas. Há marcas de uso nas duas extremidades do seixo e nas duas faces laterais. Nas extremidades as marcas são pontuais e arredondadas, ocupando principalmente a pontas dessas extremidades. Nas faces laterais as marcas tendem a ser retilíneas. A forma e a distribuição das marcas de uso indicam uma utilização do artefato como percutor, tanto para o lascamento unipolar, quanto bipolar.

Artefato 2: Artefato sobre basalto de formato irregular, com marcas de polimento em áreas determinadas e com a definição de um pequeno gume polido. Grande parte da superfície do artefato encontra-se recoberta, em ambos os lados, por pátina de característica ferruginosa, provavelmente decorrente de contato com óxido de ferro. As marcas de polimento são visíveis, principalmente na parte do artefato relativa à produção do gume. O gume é pequeno, fino ligeiramente arredondado. Este gume não apresenta robustez suficiente para utilização em ações que demandam a aplicação de muita força, principalmente em matérias mais duras. O artefato deve ter sido utilizado para cortar ou cavar, trabalhando matérias primas mais moles e menos resistentes .

Artefato 3: Artefato sobre basalto com marcas intensas de polimento. O artefato tem seção piramidal e formato triangular na sua parte proximal e apresenta uma concavidade intensa no bordo lateral esquerdo em sua parte distal. Esta concavidade apresenta sinais intensos de polimento. Devido a forma do artefato e as características das marcas de transformação podemos dividir o artefato entre parte passiva e ativa. A parte ativa corresponderia à parte com seção piramidal e triangular, na qual há a definição de uma ponta robusta. A parte passiva corresponderia à parte onde há a definição de uma

concavidade, destinada facilitar o encabamento do artefato. Essas características indicam uma utilização em ações que envolvem a aplicação de força e precisão, como por exemplo, atividades de perfuração.

Artefato 4: Artefato sobre plaqueta de basalto, com sinais de polimento e picoteamento.

O polimento predomina em uma das faces e envolve principalmente a definição de um gume ligeiramente rasante. Este gume não é totalmente simétrico, pois há diferenças na intensidade de polimento das duas faces do suporte. A parte passiva apresenta marcas de picoteamento definindo uma superfície plana. Artefato utilizado em atividades que envolvem a aplicação de força e percussão, como por exemplo, marcas e cortes de árvores.

Artefato 5: Artefato sobre basalto de formato alongado com superfície intensamente coberta por pátina, possivelmente decorrente do contato com solo rico em ferro. Há sinais de polimento para produção de uma ponta ou bico, bem robusto em uma das extremidades do suporte.

Artefato 6: Artefato de formato alongado sobre rocha ígnea. Há picoteamento nas duas extremidades, sendo uma mais fina e outra com definição de área mais extensa e plana. Na extremidade plana há uma maior intensidade de marcas de uso. Artefato normalmente conhecido como mão de pilão, utilizado para macerar e processar diversos tipos de materiais, como coquinhos, pinhão e outros frutos.

Dados de coleta:

Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng no passado (Figura-01) cedidos pelo não indígena conhecido como Zezinho ou piolho de cobra, morador da localidade de Serra da Abelha-município de Vitor Meireles-SC. Segundo Zezinho, todos foram encontrados em um só lugar há aproximadamente 7 a 8 anos atrás em uma escavação feita por uma máquina que preparava o chão de casa, próximo da casa dele.

Relato:

Aldeia Figueira, 23 de fevereiro de 2013.

A doação desse conjunto de artefatos que hoje compõem a coleção arqueológica Copacãm Tschucambang aconteceu em um domingo à tarde na casa do o seu V. Leandro na aldeia Figueira. Em uma roda de conversa com o não indígena Sr. Vivaldo Leandro de 42 anos, casado com a indígena Sra. R. C. C. e acompanhados pelo irmão

dele o Sr. Osvaldo Leandro de 38 anos além de mais algumas pessoas presentes. Neste momento comentamos sobre a cultura do nosso povo Laklãnõ/Xokleng, quando o seu O. Leandro e V. Leandro falaram que tinham algumas flechas de índios. Seu V. Leandro falou que tinha duas pontas de flechas guardadas na caixa de ferramentas. Foi buscar a caixa de ferramentas que estava dentro de casa e a trouxe, mas as duas estavam com as pontas quebradas, perguntei se ele podia doá-las para eu fazer os meus trabalhos da faculdade, ele concordou e falou que conhecia um agricultor que teria alguns objetos que eram para os índios fazerem aquelas flechas, na localidade de Serra da Abelha no Município de Vitor Meireles-SC. Este local estava aproximadamente 30km da casa dele. Perguntei se quando tivesse tempo ele poderia acompanhar-me até a casa deste agricultor e ele se prontificou a ir lá na mesma hora. Seguimos juntos até a aldeia Coqueiro, chegando lá encontramos o agricultor em casa, conhecido por Zezinho ou piolho de cobra. Fomos recebidos por ele, ocasião em que seu V. Leandro me apresentou e falou que eu era o cacique. No momento fiquei preocupado que não iria conseguir informações, muito menos os materiais, devido aquela localidade estar em disputa judicial para redemarcação da TI.

Durante nossa conversa, ao falar sobre a safra de fumo ele mencionou os materiais líticos. Perguntei como que eram estes materiais e se ele poderia me mostrar. Inicialmente ele ficou com jeito de quem não queria, mas quando falei que eu tinha interesse em ver e registra-los para a minha pesquisa se ele permitisse, ele falou que tinha algumas coisas que havia achado. Achou alguns objetos embaixo da casa e outros em cima da chaminé da estufa de fumo. Juntou-os e colocou-os em cima da mesa de amarrar fumo. Peguei uma peça por vez para olhar, enquanto ele falava que eram coisas da natureza. Ele se perguntava como poderiam parar ali, a um metro em meio de baixo da terra? Que homem não teria como deixar ali. Era o seu jeito de dizer que não eram coisas dos nossos ancestrais, já que percebeu em algum momento de minha fala que eram coisas que pertenciam ao nosso povo. Preocupado com sua reação comentei que algumas pessoas falam que estes objetos são coisas que caem do raio da chuva, com o que ele concordou, quando fiquei mais tranquilo.

Novamente observei os artefatos arqueológicos, mas só identifiquei a mão de pilão, mas tinha certeza que eles pertenciam ao povo Laklãnõ/Xokleng pelo fato de eu conhecer a história do meu povo. Em época de coleta de pinhão apenas os nossos ancestrais atuavam nesta localidade. Passaram-se mais de três (3) horas, eu e o seu V. Leandro falamos de nossa vontade de sair, quando perguntei aonde ele havia encontrado

os objetos e ele, se sentindo mais a vontade, me convidou para mostrar o local para nós. Falou que há uns 7 a 8 anos atrás havia contratado uma máquina para preparar o chão de sua casa quando encontrou os artefatos. Perguntei se eu poderia filmar ou fotografar e ele concordou, mas falou que não tinha interesse em vendê-los, já que uma de suas irmãs tinha pedido para usá-los para fazer uma pesquisa na universidade.

Voltando até o local onde ele colocou as peças à disposição, pensei que teria que levar estas coisas e assim pedi os objetos falando que não tinham valor comercial, mas para pesquisa dos meus trabalhos da faculdade tinham grande valor. Ele deu um sorriso e falou “vou te emprestar, pois nem para minha irmã eu não emprestei, mas pra ti eu vou emprestar”, o que me deu alívio e alegria. Falei de meu interesse em voltar outra vez se ele permitisse, quando ele me respondeu: “pode vir”. Perguntei se poderia mencionar seu nome e ele concordou. Seu Zezinho, falou que conhecia algumas cavernas (taipa) com vestígios de pessoas que teriam morado nos locais. Seu V. Leandro falou que conhecia um senhor chamado de Ivo Bossi, que morava na proximidade de Serra da Abelha, que teria algumas coisas que poderiam ser pontas de flechas. Também mencionou que ele conhecia alguém que possuía uma ponta de flecha ainda com um pedaço de madeira, possivelmente um fragmento do cabo.

Antes de sair prometi que iria cuidar bem dos materiais, por que eles tinham significado para mim, assim como para ele. Ficando mais tranquilo, ele falou que tinha outras coisas que ele não havia encontrado, mas que depois iria procurar. Seu Zezinho falou que caía muito raio próximo a casa dele e queria me mostrar onde tinham caído, tentamos ir ver mas não chegamos ao local, ele só apontou sua direção. Ao retornarmos a aldeia o irmão do seu V. Leandro e o seu Osvaldo Leandro que haviam ficado esperando na aldeia Coqueiro, voltaram conosco. Quando seu O. Leandro viu os objetos falou que ele tinha umas flechas também, mas na casa dele na cidade de Witmarsun-SC. Também o seu V. Leandro, falou que havia lembrado que conhecia alguém nesta mesma cidade que tinha umas flechas. Perguntei se ele poderia ir junto comigo na casa desta pessoa e ele concordou.

Entrevista/Doação 2:



Figura 02: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.

Foto: Copacãm Tschucambang.

Descrição:

Para descrição das peças deste conjunto faremos uma numeração de 1 a 2, da esquerda para direita.

Artefato 1: Artefato em quartzo leitoso branco, com lascamento bifacial. Para o lascamento foram utilizadas as técnicas de percussão e pressão. O perfil é irregular e o artefato está fragmentado na parte distal. Corpo de formato triangular, pedúnculo de base côncava, possui apenas uma aleta no bordo esquerdo, formada por retoque definindo uma reentrância. Devido às

irregularidades identificadas na morfologia do artefato sua performance como projétil estaria prejudicada. A quebra na parte distal deve ter ocorrido durante o lascamento – seja para fabricação, seja para reavivamento do gume. Assim, o artefato pode ter sido utilizado, mas a quebra não é decorrente do uso.

Artefato 2: Artefato em sílex cinza escuro, com lascamento bifacial pelas técnicas de percussão direta e pressão. O perfil é irregular e o artefato está fragmentado na parte distal. Os bordos laterais são retilíneos e o corpo da peça tende a ser triangular, embora seja difícil definir em função da quebra na parte distal. O pedúnculo do artefato é côncavo e as aletas pouco pronunciadas, mas definidas por retoques definindo reentrância. Devido a suas características formais o artefato deve apresentar restrições quanto ao seu desempenho como projétil. Assim como a primeira a quebra identificada na parte distal deve ter sido produzida durante o lascamento – de produção ou reavivagem.

Dados de Coleta:

As pontas de projétil de material lítico (pontas de flechas) da figura-02-foram cedidas por um não indígena, Sr. Vivaldo Leandro, de 42 anos, casado com uma indígena, Sra. R. C. C.. Eles são moradores da aldeia Figueira da Terra Indígena Laklãnõ no município de Vitor Meireles-SC. Segundo ele, elas foram encontradas há muito tempo na localidade de Serra da Abelha- município de Vitor Meireles-SC.

Entrevista/ Doação 3:



Figura 03: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.

Foto: Copacãm Tschucambang.

Descrição:

Para descrição das peças faremos uma numeração de 1 a 3, da esquerda para direita.

Artefato 1: Artefato em sílex cinza, bifacial, produzido por lascamento direto e por pressão. O artefato não está fragmentado. Perfil regular, com pequena variação na parte proximal. Bordos lineares, paralelos, parte distal convexa e proximal também convexa, definindo uma morfologia geral da peça elíptica. Na parte proximal direita há retoques envolventes definindo uma reentrância que marca a parte passiva do artefato, possivelmente um pedúnculo. A parte proximal esquerda apresenta um bordo mais abrupto, com ângulo próximo a 90 graus. O artefato pode representar um estágio do processo de produção de pontas de artefatos bifaciais, como os demais artefatos que compõem a coleção. O fato de não ter sido terminado como uma ponta, não implica no seu descarte ou na sua não utilização. O artefato adquiriu outra funcionalidade, com um gume denticulado definido e possivelmente utilizado.

Artefato 2: Artefato em sílex cinza claro, bifacial, produzido pela técnica de lascamento direto e por pressão. O perfil é regular, bordos laterais retilíneos e concorrentes. Bordo distal fragmentado, mas com retiradas na parte fragmentada após a quebra. Corpo com forma possivelmente triangular. Pedúnculo linear,

com aletas bem definidas em ambos os bordos, de formato linear, definindo extremidades triangulares. Suas características formais indicam um bom desempenho enquanto projétil, com quebra possivelmente decorrente do uso. Há um retoque após a quebra, indicando uma tentativa de reaproveitamento do artefato para o mesmo uso ou não.

Artefato 3: Artefato em sílex marrom escuro, bifacial, com lascamento direto e por pressão. Perfil muito regular, bordos retilíneos e corpo triangular. Artefato inteiro. Para confecção da ponta identificamos no bordo esquerdo uma pequena retirada a partir da ponta, possivelmente feito por percussão indireta (conhecido como “golpe de buril”). Pedúnculo linear, com aletas bem definidas e também lineares. Características formais indicam um desempenho ótimo enquanto projétil.

Dados de Coleta:

As pontas de projeteis de material lítico (pontas de flechas) da figura-03 foram cedidas pelo Sr. Osvaldo Leandro de 38 anos, morador da cidade de Witmarsun-SC. Segundo ele, elas foram encontradas há 8 anos atrás na localidade de Varaneira no município Rio do Campo, próximo de Witmarsun e Vitor Meireles.

Relato:

Aldeia Figueira, 20 de abril de 2013.

Nesta data estávamos em festa na aldeia, comemorando o dia nacional do Índio, que seria no dia 19 de abril. Durante a comemoração Sr. Osvaldo Leandro, morador da cidade de Witmarsun-SC me chamou e disse: “eu trouxe algumas coisas pra você ver” e tirou três (3) pontas de projétil líticas do bolso da calça (ver Fig.3) Perguntei aonde ele havia encontrado, e ele me contou que há uns 8 anos atrás havia encontrado-as no Rio do Campo, na localidade de Varaneira (Rio do Campo é um município que fica próximo de Witmarsun e Vitor Meireles), e completou “eu tinha mais”. Perguntei o que ele iria fazer com isso e o seu O. Leandro me disse que havia feito um colar com um destes daqui (no caso, o projétil que estava mais inteiro). Perguntei se ele poderia ceder para os meus trabalhos da faculdade, com o que o seu O. Leandro concordou dizendo “sim, se servir e depois você me devolve”. Naquele momento eu estava ajudando no atendimento da festa, portanto não tive muito tempo para conseguir mais informações.

CAPÍTULO III

ENTREVISTAS COM OS ANCIÕES

No passado o povo tinha os anciões como referência pelo fato de eles terem todos os conhecimentos de vida e sobrevivência nas matas, mas após a tal da “pacificação” isto foi sendo esquecido aos poucos. Atualmente temos poucos anciões para nos dar orientações e entre os que existem, poucas pessoas da comunidade os tem como referência. O Sr. Alfredo Paté é um ancião da comunidade Laklãnõ/Xokleng, de 81 anos que as pessoas da comunidade têm muito respeito, mas ele não é consultado com frequência, fazendo com que muitas informações importantes sejam desperdiçadas. Tanto Sr. Alfredo Paté, quanto Sr. Paté Vãjēky Paté Filho são filhos de Vãjēky Paté, um dos anciões da comunidade Laklãnõ/Xokleng, que no passado a comunidade tinha como referência.

Neste capítulo irei apresentar as entrevistas realizadas com os anciões da comunidade da T.I, sendo primeiro a entrevista realizada com seu Alfredo Paté e em seguida com seu Paté Vãjēky Paté Filho. Neste capítulo apresentaremos os materiais líticos a partir das categorias nativas Laklãnõ/Xokleng, buscando as possíveis utilizações destes artefatos líticos e suas matérias-primas. Nos questionamos para que serviam e em que ocasiões eram utilizados os artefatos arqueológicos coletados, buscando documentar os nomes nativos, as histórias, os seus significados associados e a sua importância.

III.I

SR. ALFREDO PATÉ

Aldeia Bugio, 23 de agosto de 2014

Entrevista com Sr. Alfredo Paté, ancião da comunidade Laklãnõ, de 81 anos.

Esta entrevista aconteceu na casa dele na aldeia Bugio. Nesse dia levei o Sr. Alfredo Paté para a aldeia Bugio e na viagem ele começou a contar histórias do povo e mostrou onde eram algumas das antigas aldeias antes da “pacificação”. Também contou que o *Nãdjavy*, líder daquele grupo, morava naquele local. Indicou onde era a antiga

divisa da T.I. Havíamos combinado uns dias antes na aldeia Barragem que seu A. Paté iria fazer a análise dos artefatos arqueológicos. No caminho para o Bugio, quando julguei ser o momento certo, falei: “lembras das pedras que falei para você, eu tenho elas comigo, você quer dar olhada?”. Quando seu A. Paté respondeu: “sim, quando chegar lá em casa eu quero ver”.

Ao chegar à casa do seu A. Paté, ele me convidou para entrar, já limpando a mesa da cozinha e falou para sua esposa: “ele trouxe umas pedras para mostrar para mim”. Sentamos, coloquei os artefatos arqueológicos em cima da mesa. Primeiro ele pegou o mão de pilão e disse: “*Kló* é feito de *kózy tánh*”, ou seja, a matéria prima que é feita a mão de pilão (*Kló*) é a pedra verde (*kózy tánh*). A Sra. Tereza Paté, esposa do seu A. Paté estava preparando almoço e se aproximou e pegou a mão de pilão e disse “é bonito/lindo, dava de vê que foi usado para moer as coisas e é bonito/lindo”. Seu A. Paté então perguntou: “você que vender?”, quando eu falei que não. Quando ele falou que gostaria de ter com ele. Neste momento contei que os artefatos arqueológicos foram encontrados na localidade de Serra da Abelha, município de Vitor Meireles-SC e que um colono havia encontrado em uma escavação de máquina.

Cito a fala de Seu A. Paté sobre os objetos apresentados, que foi contado usando termos do idioma da língua materna e do português. Para uma melhor compreensão apresento sua fala em português utilizando apenas alguns termos em Xokleng:



Figura-04: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng no passado, Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

“Se eu não tiver enganado o *kló* [mão de pilão] é da sua mãe [no caso minha vó materna]. *Ki vyn nũ mũ* [reconheci]. Naquela localidade eles iam coletar pinhão, onde ela possivelmente levou para macetar. Eu vi o seu pai [no caso meu avô] macetando pinhão e carne de anta. O *kló* é da mãe dela da Kagzy, mãe da *Txatag*, isso pertencia desde o tempo que eles viviam na mata, antes da “pacificação”, a *Txatag* tinha um cuidado, não deixava seus filhos pegar com medo de eles quebrar. Também o *kózy tō bég* [machado de pedra] que eles faz *pug* [que é colocado cabo] para cortar a madeira para tirar mel, que tem outro que são mais grande [pegou o mão de pilão outra vez e disse:] é da mãe dela. [referiu-se a figura-04 acima].



Figura-05: Materiais líticos de uso Laklânô/Xokleng no passado, Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

Também é machado, os machado gastam normal, por que é feito afiação, quando tem muito uso, aí quando está bem gasto eles deixava de usar. Quando é feito afiação se usa na água. [referiu-se ao material lítico da figura-05 acima].



Figura-06: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng no passado, Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

Esta é usada para alisar as panelas, tanto dentro e por fora [referindo-se ao alisamento das panelas de argila, tanto das faces externas como internas, com o material da figura-06 acima].



Figura-07: Materiais líticos de uso Laklânô/Xokleng no passado, Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

Ha vã [admiração, são esses mesmos] é coisa deles [se referindo ao povo Xokleng]. Este é outro, *mã* [entendeu/escutou]? *Bég* [machado], *ha vã, ha gég vã* [são mesmo, este são mesmo]. Essas coisas que foram pegado são mesmo, este é um dos machados. *ẽ tō pug ti kũ*, [quando é colocado cabo] é furado a madeira [referiu-se a figura- 07 acima], aí é usado este tipo de machado [referindo-se à figura-08 abaixo] e feito *pé tyg* [o momento da extração do mel].



Figura-08: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng no passado, Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.



Figura-09: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng no passado, Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

Dizem que eles afiava, de certo que este é de afiar, este, é chamado de *kózy tánh* [pedra verde – sua matéria prima]. Aí é afiado com pedra a pedra. [referindo-se a figura-09 acima].

Kló [novamente referiu-se à mão de pilão da figura-04 acima] este eles molda com a própria pedra, com pedra eles arruma para moer as coisas. Isso há muito tempo, quem sabe é da mãe da *Kagzy*.

De certo da falecida Kudin. A água cobriu [referindo-se à mão de pilão]. A mãe da Lica. Eu vi o dela era preto puro diamante. Era preto. Tinha dois. Se procurar, é ali no Gambá [ponto de referencia na TI]. Se queimar a samambaia e lavrar, a samambaia queimar e escavar vai pegar aonde ela morava. Tão lá, por que a Lica, a filha dela, não usava. Aonde ela não deu valor. Ela tinha dois, um era maior assim [fez através do gesto com a mão, comparando a mão de pilão que estava analisando]. Era comprido, curto tamanho desse, era bem preto. Se eu soubesse o valor hoje em dia teria comprado dela, teria guardado, como dizem os brancos era puro diamante, aí era preto, diz ela um brilhava às vezes, o menor brilhava diz ela.

Era moradia dela, era aonde eles morava, quando ela faleceu, ela morava lá, ela morreu na água [afogada] sem guardar as coisas dela. Com certeza ficou ali, ninguém pegou, se ela tivesse ficado doente até morrer, *dé ã vũ un kũ vim tẽ* [algo tinha guardado] mas ela morreu na água, aí as coisa dela jogara fora, abandonara as coisas dela. Eu sei aonde ela morava se queimar e lavrar. Não fora embora tão lá.

Aonde era moradia do Nãdjavy, aonde mostrei pra você, ali na ponte que passamos. Embaixo tem pedras que eles usavam na

preparação do *mõg*², as pedras que era queimadas tão dentro da água. Aí quando eu preparei para eles o *mõg*, eu fui pegar pedra, as mesmas pedras, perguntei a mim mesmo, como que estas pedras elas estão queimadas, estava em um monte só dentro da água, estava dentro da água aonde eles deixaram, trouxe as mesma. Aí usei aqui no preparo do *mõg*, queimei para usar, queimei para esquentar o *mõg*. Aí depois que foi tomado, guardei tudo em um monte só, falei vocês fica aqui. No próximo ano que vem vou usar vocês, viu? Não foge daqui! Quando preparamos outra vez, não se encontrava mais. Falei para a Nena e a Tónh: aqui eu deixei, aqui nas raízes das taquaras. Procuramos nem se quer um pedacinho não tinha mais. Mas não era, é que uns encantados, os ancestrais morava ali e queimava. Era encantados. De certo os fora embora de volta. De certo *dé pã vã, ã tã te* [é uma coisa estranha/outra coisa]. Como estou falando para você é coisa estranha, só os branco pode vê, essas coisas velhas são encantados. Aí você tem contigo coisas de muita importância. Se eu visse o lugar, afirmaria com toda certeza são esse mesmo. Como diz, eles morava lá no *zág djol* [local onde tem bastante araucárias] perto de *pli pã tól tá óg nõ dē kég ke mũ* [nome de um local de referencia na paisagem onde foram encontrados os objetos arqueológicos]. *Tá a nõ te zi nẽ kég ke mũ* [lá sua mãe morava, no caso ele se refere a minha vó]. Quando eles aí buscar pinhão, ela levavam as coisas dela. Também a falecida *Kula*, lá próxima da morada do *Batxa* como diz, no *zág djol ki, ki zi tũ ti nõdẽ* [nas áreas de araucária, ou pinheirais, estão às coisas dela]. De certo as coisas tão lá ou talvez ela trouxe junto. Eles moravam lá quando o *Jãggál* [“pacificador”, Eduardo] vendeu as terras deles. Eles saíram de lá. Tiveram que sair de lá. De certo trouxera, mas às vezes a sua mãe esqueceu.

² Mõg é uma bebida tradicional do povo Lakãñõ- Xokleng, feito principalmente de mel e xaxim, além de outras coisas da natureza.

[Neste momento, perguntei “Como ficou lá?” - questionando se após a “pacificação” o povo continuara usando estes objetos, quando ele respondeu:]

Deixaram por que o *Jāggál* deu machado de verdade e facão. Aí deixaram e guardaram. Aí este daqui ficou lá, *ũ ẽ txõ vég mũ* [já havia visto, se referindo do mão de pilão], *ũ kũ máquina ti ja ti...* [ele se lamentou que a máquina deixou uma marca na mão de pilão e quase a quebrou].

[Neste momento eu falei que há mais de trinta anos a minha vó tinha uma mão de pilão que era menor do que a que ele estava analisando e que se eu encontrasse a mão de pilão da minha vó, eu iria reconhecê-la. À esta observação, respondeu seu A. Paté:]

Aonde ela morava, se escavar vai encontrar. Também onde a Kula morava, aonde a veia Agló morava, tem ali. Com certeza, *ki vũ ta nõdẽ* [tão ali], ali aonde sua mãe [minha vó], no outro lado do ribeirão ela morava (*ãggló*). Se você me levar lá, mostro, aponto o local ali ela morava, todinho para você, escavar até achar. Este daqui é outro. O preto ela deixava, o preto. Levava este daqui [mão de pilão que ele estava analisando], *zág to mũ kũ ẽ mō bó tẽ kég ke mũ* [quando vão ao pinhão, aí eles levavam]. Eles usavam, colocava no balaio, balaio. *kló* [mão de pilão] e *kléj* [pilão] era pequeno. Aí era levado junto no balaio nas costas. Também em Bonsucesso [localidade próxima da aldeia Bugio] tem. Pode dizer que é da tua vó, da Kagzy, provavelmente da mãe dela.

Quando apresentei as pontas de projétil de material lítico ao Sr. Alfredo Paté, a primeira a ser analisada foi a de material de quartzo da figura abaixo.



Figura 10: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.

Foto: Copacãm Tschucambang.

Ponta de projétil de material lítico da figura- 10, seu A. Paté, analisou e disse: “este é flecha de pedra, esse é flecha, é primeira deles” [referindo-se ao povo Laklãnõ/Xokleng].

A segunda a ser analisada pelo seu A. Paté, foi a de material sílex da figura abaixo.



Figura 11: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.

Foto: Copacãm Tschucambang.

[Ponta de projétil de material lítico da figura- 11] Seu A. Paté, pegou olhou e disse: “por que está quebrada?” [fez a pergunta a si

mesmo]. “Antigamente encontrei um desse, estava enterrada, aí coloquei cabo, quando as coisas não tinha muitos valores, só aquela vendi por 50, só um desse, um desse”. [não informou o ano que encontrou e vendeu].

A terceira a ser analisada pelo seu A. Paté, foi a de material sílex da figura abaixo.



Figura 12: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.

Foto: Copacãm Tschucambang.

[Ponta de projétil de material lítico da figura-12], seu A. Paté, pegou e disse: “esse é um desses também, mas não está pronto”.

A quarta a ser analisada pelo seu A. Paté, foi a de material sílex da figura abaixo.



Figura 13: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.

Foto: Copacãm Tschucambang.

[Ponta de projétil de material lítico da figura- 13] Seu A. Paté, pegou e disse: “este quebrou o pé, este quebrou a ponta”.

A quinta a ser analisada pelo seu A. Paté, foi a de material sílex da figura abaixo.



Figura 14: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

[Ponta de projétil de material lítico da figura-14] Seu A. Paté, pegou a disse assim: “o que encontrei é assim, mas era menor, mas mesmo assim quando as coisa não tinha muito valor vendi, só aquela vendi por 50. Peguei na estrada que desce para Vigante [localidade que pertence o município de José Boiteux-SC.], quando estávamos tirando palmitos”. Ele chamou a sua esposa, a Dona Tereza, para ver, ela disse: “ah é flecha”. Seu A. Paté disse para ela: “ele trouxe junto com outras quebradas”. Dona Tereza: “uh é muito bonito/lindo”. Perguntei a ele para qual tipo de bichos ela era usada e Seu A. Paté respondeu: “com este eles matavam anta, bugio, porco do mato, também usa para se defender de seus inimigos, mata ser humano, brancos”.

Segundo seu A. Paté, um tigre atacou o *Klónh* (Kóvi), no momento que ele estava fazendo uma lança pra si mesmo e ele

saiu atrás do tigre e atingiu o tigre sem ter feito a ponta e afiado a lança, onde a lança não penetrou no tigre, imediatamente pediu para a ãggló (esposa de *Kóvi*), *kló* (mão de pilão) para afiar a lança dele.

III-II

SR. PATÉ VANHEKY PATÉ FILHO

Aldeia Figueira, dia 19 de maio de 2013.

Entrevista com o Sr. Paté Vanheky Paté Filho, ancião da comunidade Laklãnõ, que não quis informar a sua idade.

Cito a fala de Seu P.V. Paté, sobre os objetos apresentados. Esta entrevista foi contada usando termos do idioma da língua materna e do português. Para uma melhor compreensão apresento sua fala em português (tradução minha) utilizando apenas alguns termos em Laklãnõ/Xokleng:

Esteve na minha casa na Aldeia Figueira da Terra indígena Laklãnõ, seu P.V. Paté vendendo salgadinho e doces, e, na oportunidade convidei a entrar e falamos sobre a história do nosso povo. Comentei sobre os artefatos arqueológicos e apresentei a ele, vendo os artefatos arqueológicos, lembrou de nomes dos materiais que seu pai e os avós haviam repassado, onde comentei o local da coleta. Ele afirma que é do nosso povo pelo fato de conhecer a história dos Laklãnõ/Xokleng.

P.V. Paté: “a matéria prima desta pedra é *kózy tánh*, que é utilizada quente para alisar a panela de cerâmica-*pénky* e também é utilizada quente no *mõg* [para fermentar a bebida feita de mel com a mistura de outras coisas da natureza. Referiu-se ao material lítico da Figura-06 acima].

“Este é de raspar materiais, usado para cortar e na perfuração,

com nome de *do ke ken*”. [Referindo-se ao material lítico da figura-07 acima].

“Machadinha de mão também é utilizada para partir madeira, com nome de *bég*”. [Referiu-se ao material lítico da figura-08 acima].

“Este é *kló*” [mão de pilão]. [Referiu-se ao material lítico da figura-04 acima].

“Outro é utilizado para cortar carne e coisa mais mole com nome de *konh ko*”. [Referiu-se ao material lítico da figura-05 acima]

.

“Este *tó do ja*” [este é flecha da chuva]. “Eles usava, mas não era feito por eles, são coisa que caía do raio da chuva”. [Referiu-se a ponta de projétil de material lítico da figura-02 e 03 acima].

CAPITULO IV

DISCUSSÃO DA COLEÇÃO COM ALUNOS

O tema escolhido para realizar o meu estágio foi artefatos arqueológicos no território Laklãnõ/ Xokleng. Esta atividade teve como objetivo trabalhar a partir do artefato arqueológico os conhecimentos das áreas de matemática, biologia, química, física, arte, arte indígena e língua indígena com a turma do ensino médio. Neste capítulo irei apresentar a minha experiência de estágio na escola como uma forma de reflexão sobre como uma coleção arqueológica pode ser trabalhada em um ambiente escolar diferenciado. Para tanto este capítulo foi baseado no Relatório das Atividades do Estágio III do mês de setembro de 2014, com a turma do 1º ano II do ensino médio da Escola Indígena De Educação Básica Laklãnõ- E.I.E.B. LAKLÃNÕ. Esta escola foi criada em 04 de agosto de 2004 e reconhecida como escola indígena desde que foi construída, embora não tenha acontecido ainda sua inauguração oficial.

A Escola Laklãnõ está localizada na Aldeia Palmeirinha. Suas aulas iniciaram no dia 04 de agosto de dois mil e quatro (2004), mas não tem até hoje um Projeto Político Pedagógico (PPP) próprio, conforme a especificidade do Povo Xokleng/Laklãnõ, garantida por lei.

Esta escola possui Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. São oferecidos três períodos de aulas, sendo o matutino para os anos finais do Ensino Fundamental, com duração de quarenta minutos cada aula, e tem início das 07h30 às 11h30; no vespertino estão a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, com início das 13h às 16h45. Nas turmas do 1º ao 5º ano as aulas têm duração de quarenta e cinco minutos. No período noturno funciona o Ensino Médio com duração de quarenta minutos cada aula e início das aulas das 18h30. às 22h:05.

Atualmente são 35 professores que atuam na escola. Outros profissionais que atuam na escola Laklãnõ são duas merendeiras, três serventes (uma servente inclusiva do pré- escola, efetiva da prefeitura de José Boiteux, outra do município de Vitor Meireles-SC) e quatro vigilantes, totalizando 10 funcionários.

Dentre as atividades como professor busquei trabalhar com a turma a forma da coleta de artefatos arqueológicos, assim como desenvolver exercícios relativos à unidade de comprimento, área e perímetro relacionados aos sítios arqueológicos; analisar as medidas dos artefatos arqueológicos, como é feita uma escavação em um sítio arqueológico, os procedimentos e técnicas de uma escavação para não prejudicar as

coletas, como é feita a datação em carbono quatorze. Ao longo destas atividades busquei incentivar a oralidade da língua Xokleng/Laklãnõ nos trabalhos com os alunos.

A intenção de trabalhar com vestígios arqueológicos foi por que após a “pacificação”, a comunidade deixou gradativamente a prática de produção do artefato cotidiano para uso. Com a chegada dos não indígenas, precisamente no Vale do Itajaí, o povo passou a ter acesso ao metal e a arma de fogo. Da “pacificação” em 1914 até os dias de hoje, as pontas de flechas de material lítico não foram mais utilizadas na nossa cultura. Outros materiais (objetos) fizeram com que sua utilização fosse substituída e com isso foi se perdendo nosso conhecimento. Atualmente os jovens não tem conhecimento sobre a forma como eram produzidos estes utensílios, para que servia cada um e a importância destes artefatos. Antes da chegada dos europeus, nosso povo vivia da coleta de frutas nativas e da caça de animais silvestres. A cada época eles estavam em um determinado lugar, pois tinham alta mobilidade dentro do seu território de ocupação por conhecerem e entenderem o “ciclo da natureza”, mas com a chegada dos não índios na região do vale do Itajaí, este povo deixou de fazer esta prática considerada normal para os Laklãnõ/Xokleng, pois o território onde eram feitas as coletas e caças foi ocupado.

Com esta atividade pretendi passar informações para os alunos sobre como este povo vivia antes e depois do contato com os não indígenas na região do Vale do Itajaí. Para ter esta compreensão, trabalhei as coleções de artefatos arqueológicos, os significados e a importância de cada um dos objetos coletados, para que servissem e em que ocasiões eram utilizadas, bem como efetuar uma análise dos artefatos arqueológicos encontrados. Buscando desta forma que os jovens compreendam a história indígena como meio de valorização sociocultural.

Dentre as atividades desenvolvidas durante o período do estágio mencionadas acima foram utilizados ainda vídeos com o ancião Alfredo Paté e o filme: “As 10 maiores descobertas do Egito” - (Dublado).

Os (as) professores (as): Berenice Ndilli, Alfredo Priprá, Marcondes Namblá, Joasias Kuita Cuzung, William Denis Caxias da Silva, João Criri, Maria Cula Paté e Keli Regina Caxias Popó, são os que cederam as aulas para meu estágio com a turma do 1º ano II do Ensino Médio. Esta turma tem 20 alunos no total, com uma idade média de 14 a 20 anos. Meu estágio ocorreu no dia 01 a 09 de outubro de 2014, com carga de 24 horas aulas, no período noturno.

No dia 01 de outubro de 2014 foi o início do meu estágio na Escola Laklãnõ

localizada na Aldeia Palmeirinha, com a turma do 1ª ano II do ensino médio. A turma tem 23 alunos sendo 13 masculinos e 10 femininos. Destes, muito faltaram ao longo das aulas, tendo uma média 17 a 18 alunos na sala no período do estágio.

No primeiro momento conversei com a professora de matemática, Berenice, e o professor de biologia, Alfredo, para estagiar nas aulas deles. Também aproveitei a aula da noite, com o professor João, da disciplina de geografia, que explicou aos alunos que eu estaria trabalhando com eles. Também utilizei o horário das aulas de história e sociologia, para apresentar uma contextualização da história e a alta mobilidade do Povo Xokleng/Laklãnõ, repassando um pouco da história tradicional do povo através de aula expositiva e dialogada. Trabalhei com os alunos a leitura e mapas de Lavina (1994), para eles entenderem o que seria o nosso território tradicional. Foi usado data-show para identificar mapa, e a leitura individual do texto de dissertação de Lavina.

No dia 02 de outubro de 2014, foi trabalhada a atividade II, o conceito da arqueologia e de artefato arqueológico. Na primeira aula da noite, da professora Maria Cula da disciplina de língua materna, trabalhei com os alunos o conceito da arqueologia e artefato arqueológico. Nesta aula foi utilizado data-show para ler os textos juntos com os alunos em sala de aula. Expliquei a importância de analisar os artefatos arqueológicos para saber o tempo que o ser humano ocupou um determinado lugar, a importância dos artefatos em relação à vida do nosso povo, alguns tiraram as dúvidas em relação a história e artefato do povo. O tempo de aplicação desta atividade foi de 5 aulas.

No dia 03 de outubro de 2014, trabalhei com os alunos a atividade IV, Coleta de artefatos arqueológicos, a leitura de textos de dissertação do Rodrigo Lavina (1994). O texto fala de artefatos arqueológicos e com o intuito de fazer comparações com as figuras que se encontram na dissertação, apresentei a coleção de artefatos arqueológicos de Copacãm Tschucambang aos alunos. A partir desta coleção de referência procurei analisar a forma de produção tradicional e a utilização de cada um, onde os alunos analisaram os formatos e os tamanhos das peças (medidas). Expliquei a importância destas na vida dos nossos ancestrais e aonde foram encontrados, além de com quem se encontravam. O tempo de aplicação foi de 3 aulas.

No dia 06 de outubro de 2014, alguns professores cederam suas aulas para eu estagiar, sendo eles: a professora Berenice de matemática, o professor Joasias de Arte Xokleng, professora a Maria Cula da língua Xokleng e o professor Marcondes de antropologia. Trabalhei com os alunos a atividade V, aplicação científica dos conceitos

matemáticos, físicos e químicos na arqueologia. Foi usado o data-show para ler junto com os alunos os textos sobre a datação em carbono quatorze, para o qual foi apresentado o texto sobre o Santo Sudário que foi datado com o teste do carbono 14. A principal questão abordada foi: “como funciona a datação por carbono-14?”. Trabalhei com os alunos as unidades de comprimento, área e perímetro. A partir da apresentação do mapa de Lavina busquei trabalhar com os alunos o perímetro e a área que Laklãnõ/Xokleng ocupavam no passado. Ao final, foi passado um exercício sobre o que é unidade de comprimento, área e perímetro. Alguns não haviam entendido e tiveram oportunidade de tirar as dúvidas. O tempo de aplicação foi de 4 aulas.

No dia 07 de outubro de 2014, foi trabalhado a atividade VI, técnicas para uma escavação. Foi novamente usado o data-show para ler texto explicando como é feita a escavação em sítio arqueológico. O tempo de aplicação foi de 2 aulas.

No dia 08 de outubro de 2014, foi realizada a atividade III do plano de aula, sendo passado o filme “As 10 maiores descobertas do Egito” - (Dublado), com duração de 1h28min. O filme trata das pirâmides e monumentos, as possíveis técnicas para cortar pedras com aproximadamente mil toneladas usadas nas construções e escavações subterrâneas. O tempo de aplicação foi de 3 aulas.

No dia 09 de outubro de 2014, trabalhei atividade –VII, a última. Nesta aula, foi passado um vídeo com aproximadamente 55min., produzido com ancião da comunidade da aldeia Bugio o Sr. Alfredo Paté em 2014. O vídeo apresenta a forma que o ancião e a sua esposa tratam os artefatos arqueológicos, a identificação dos nomes, utilização e a importância de cada um dos artefatos. Na maior parte do vídeo o ancião fala na língua tradicional, como a maioria dos alunos não entende e não fala a língua Laklãnõ/Xokleng, eu parava e explicava o que ele estava transmitindo. A partir desta atividade pude expor uma comparação para os alunos da forma que os não indígenas tratam os artefatos arqueológicos em relação a um indígena. O tempo de aplicação foi de 3 aulas.

Atualmente a educação dentro da T.I é oferecida pelo governo estadual e municípios. Além da Escola Laklãnõ, na aldeia Palmeirinha, mencionada acima, temos a Escola Indígena de Ensino Básico Vanhecu Paté, localizada na Aldeia Bugio, que possui Educação Fundamental e Médio. Em ambas escolas, o ensino é oferecido nos três períodos de aulas.

Com a construção da Escola Laklãnõ em 2004, foram desativadas escolas que ofereciam séries iniciais, anteriormente localizadas nas aldeias Sede, Pavão, Coqueiro e

Figueira, ficando o ensino centralizado e todos os alunos passaram a estudar na nova escola. Só a escola Luzia Meire da aldeia Tolda que não foi desativada. Na aldeia Barragem existe ainda escola que oferece educação fundamental, mas não é uma escola indígena, onde ao contrario das escolas indígenas os professores não são indígenas e os alunos estudam junto com os não indígenas.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Este trabalho foi realizado a partir da pesquisa de materiais arqueológicos coletados nas mediações do vale de Itajaí, na T.I./ Laklãnõ e entorno. Busquei combinar a realização de uma classificação dos artefatos líticos arqueológicos da coleção Copacãm Tschucambang feitas no laboratório da Universidade Federal de Santa Catarina, junto com o Prof. Dr. Lucas Bueno, com informações dos anciões Laklãnõ/Xokleng da TI. Meu intuito foi realizar uma comparação entre a visão e o saber dos anciões e os dados vindos da disciplina arqueológica.

Busquei a partir da realização deste trabalho, obter informações orais acerca da localização da coleta dos materiais líticos, assim como informações importantes para o nosso povo, conforme apresentado pelos anciões da T.I, tais como: os nomes nativos, histórias e significados associados, para que servissem e em que ocasiões eram utilizados os artefatos arqueológicos no passado.

Conforme mencionado anteriormente, a alta mobilidade atribuída ao passado de nosso povo estava relacionado ao nosso entendimento de “ciclo da natureza”, que estava atrelado a forma de caminhar dentro de nosso território de ocupação. De acordo com as informações dos anciões da comunidade, a localidade de Serra da Abelha no município de Vitor Meireles-SC, aonde foram encontrados os artefatos arqueológicos pelo não indígena seu Zezinho em uma escavação de máquina, é um dos locais onde o povo Laklãnõ/Xokleng ocupava em época de coleta de pinhão, antes da chamada “pacificação”, mas também depois do contato. Este artefatos podem ter sido deixados intencionalmente ou não e, a partir das informações obtidas, não há como definir há quanto tempo e porque estes artefatos arqueológicos deixaram de ser usados. Com acesso ao metal, após a chamada “pacificação”, só a mão de pilão era utilizada pelo povo Laklãnõ/Xokleng até a década 1980 e 1990. Se os artefatos de material lítico

foram deixados com intenção de retornar, isto não aconteceu, provavelmente devido a algum impedimento não previsto pelo povo Laklãnõ/Xokleng. De acordo com seu A. Paté, o povo sabia onde uma família do mesmo grupo morava ou morou dentro do território de ocupação.

“Quando eles ai buscar pinhão, ela levava as coisas dela, também a falecida

Kula, lá próxima da morada do *Batxa* com diz, no *zág djol ki, ki zi tũ ti*

nõdẽ” [no pinheiral estão às coisas dela]

Desta maneira se deslocavam de um lugar para outro em época de caça e coleta, às vezes deixando alguns dos seus objetos no local, por exemplo a mão de pilão e outros, pois sabiam que iriam retornar, como no caso da *Kula* que seu A. Paté menciona e que pode ser encontrado na mesma localidade onde seu Zezinho encontrou os artefatos arqueológicos. Desta forma exploravam um extenso território, pois conheciam o “ciclo da natureza”.



Figura-15: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng da Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

Este artefato de material lítico da figura-15, segundo seu A. Paté, sua esposa Dona Tereza e P.V. Paté, é chamado *kló* (mão de pilão) e é feito de *kózy tánh* (é feito pedra verde, a matéria prima). No passado antes do tal da “pacificação” estes instrumentos era indispensáveis, pois eram usados no pilão para moer os seus alimentos no dia a dia. Eles eram era tão importantes que eram passados de geração em geração. Segundo se A. Paté, eles eram uma das coisas que as mulheres mais tinham cuidado.

Segundo seu A. Paté, *kló* (mão de pilão) da figura acima é da minha vó Txatag. Ele reconheceu, pois eles iam na localidade que foram encontrados na época de coleta de pinhões, aonde possivelmente ela levou para macetar pinhão. Seu A. Paté viu o meu avô macetando pinhão e carne de anta na localidade onde foram encontrados os artefatos arqueológicos. O *kló* é da mãe dela da Kagzy, mãe da Txatag, isso a pertencia desde o tempo que eles viviam na mata, antes da “pacificação”. A Txatag tinha um cuidado, não deixava seus filhos pegarem com medo de eles quebrassem.

De acordo com as informações dos anciões da comunidade Laklãnõ/Xokleng, a mão de pilão tinha outra utilidade, também utilizado para afiar material de corte ou de metal.

Segundo seu A. Paté e P.V. Paté, *kló* eram utilizados para afiar matérias de corte.

Segundo seu A. Paté, um tigre atacou o *Klónh* (*Kóvi*), no momento que ele estava fazendo uma lança pra si mesmo, e, ele saiu atrás do tigre e atingiu o tigre sem ter feito a ponta e afiado a lança, onde a lança não penetrou no tigre, imediatamente pediu para a Angló (esposa de *Kóvi*), *kló* (mão de pilão) para afiar a lança dele.

Na década de 1980 vivenciei a minha falecida vó Txatag utilizando uma mão de pilão. Ela usava o pilão para moer os seguintes alimentos: carne de animais silvestres, carne de aves silvestres, carne de animais domésticos, milho, amendoim, pinhão, e ainda outros. Às vezes usava para afiar a faca e tesoura dela. Desta forma, de acordo com os costumes e tradições do Laklãnõ/Xokleng, a mão de pilão no passado era muito importante no modo de vida do povo, por esta razão era passado de geração em geração.



Figura-16: Materiais líticos de uso Laklânõ/Xokleng da Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

O artefato de material lítico da figura-16, segundo seu A. Paté e P.V. Paté, é chamado de *bég* (machado), e nele era colocado um cabo para cortar madeira para tirar mel. No passado mel era um dos alimentos mais consumidos no dia a dia do povo Laklânõ/Xokleng. Portanto o machado era importante na vida do povo.



Figura-17: Materiais líticos de uso Laklânô/Xokleng da Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

O artefato de material lítico da figura-17, segundo seu A. Paté, é outro machado, que está bem gasto. Ele também é utilizado na extração do mel. De acordo com as informações dele, os artefatos de materiais líticos são afiados na água e ele se gasta tanto quanto um metal. Desta maneira, quando os machados estão bem gastos, não são mais utilizados e são deixados em um depósito no lugar aonde o povo morava.

De acordo as informações do seu P.V. Paté, o artefato da figura-17 é utilizado para cortar carne e alguma coisa mais mole, mas com o nome de *konh ko*.

Neste sentido conforme as informações do seu A. Paté, os artefatos arqueológicos não são jogados fora ou abandonados em qualquer lugar. A necessidade fez com que a utilização no dia a dia, marcasse a importância de cada um dos artefatos arqueológicos, onde cada um tem a sua importância e seu significado para o povo Laklânô/Xokleng.



Figura-18: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng da Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang.. Foto: Copacãm Tschucambang.

O artefato de material lítico da figura-18, segundo seu A. Paté e P.V. Paté, é chamado *kózy tánh* (pedra verde, a matéria prima). De acordo com suas informações este artefato arqueológico de material lítico é utilizado pelo povo Lãklãnõ/Xokleng quente para alisar a panela de argila (*pénky*), e também aquecido no fogo para fazer a fermentação da bebida (Mõg) feita de mel com outras misturas.



Figura-19: Materiais líticos de uso Laklânõ/Xokleng da Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

O artefato de material lítico da figura-19, segundo seu A. Paté é outro *bég* (machado) é usado para raspar e furar madeira. De acordo com as informações do seu A. Paté existem vários tipos de machados, este era utilizado primeiro para perfurar a madeira e outros para concluir o serviço.

Da mesma forma, segundo o seu P.V. Paté, este artefato arqueológico de material lítico da figura-19, é de perfuração e para afiar materiais de uso para corte e perfuração, mas com o nome de *do ke ken*.



Figura-20: Materiais líticos de uso Laklânõ/Xokleng da Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

O artefato de material lítico da figura-20, segundo seu A. Paté, é utilizado para afiar outro material lítico usado pelo povo, com o nome de kózy tánh (que é sua matéria prima), portanto tinha a sua importância, pois sem um material de afiar não tinha como utilizar da maneira que gostaria, ou seja, usar com precisão.



Figura 21: Pontas de flecha da coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

A ponta de projétil de material lítico da figura-21, segundo seu A. Paté, Dona. Tereza e seu P.V. Paté, é uma ponta de flecha que o povo Laklãnõ/Xokleng usava no passado. De acordo as informações do seu A. Paté no passado o povo as utilizava para caçar e matar bichos, por exemplo, a anta, o bugio, o porco do mato e outros, mas também usavam para se defender de seus inimigos.

A ponta de flecha de material lítico, seu P.V. Paté afirma que era utilizada pelo povo Laklãnõ/Xokleng, mas não era produzida pelo povo, já que segundo ele, elas são coisas que caíam do raio da chuva, com nome de *tó do ja*.



Figura-22: Materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng da Coleção arqueológica Copacãm Tschucambang. Foto: Copacãm Tschucambang.

A imagem acima foi cedida pelo não indígena Zezinho ou piolho de cobra e indica os materiais líticos de uso Laklãnõ/Xokleng da figura-22 acima,. Da forma que tratou, deixado de lado, não parecia ter significado ou muita importância para ele, já a forma que os anciões da T.I trataram os materiais me pareceu demonstrar seu significado e importância atribuída.

A identificação e classificação dos artefatos, as atribuições de categorias arqueológicas e o esclarecimento das categorias nativas Laklãnõ/Xokleng, foram importantes para entender que estes artefatos são do uso do povo Laklãnõ/Xokleng. Isto pois o lugar onde foram encontrados são lugares que o povo vivia antes da chamada “pacificação”, mas mesmo pós-contato o povo continua frequentando o lugar que antes fazia parte de seu território tradicional. A resistência dos Laklãnõ/Xokleng para manter a alta mobilidade dentro do seu território foi enfraquecendo devido à ocupação de não indígenas no território tradicional, o que ocorreu antes e pós-contato, pois eles sabiam a época certa de explorar a região, fazendo uma forma de rodizio dos locais percorridos. Visitei algumas coleções etnográficas e/ou arqueológicas ao longo de minha pesquisa, tais como: Museu da UFSC, Museu Catarinense de Florianópolis, Museu São Bonifácio, Museu Municipal Eduardo de Lima e Silva Hoerhann de Ibirama e Museu Julio de Castilhos de Porto Alegre. Estas visitas, junto com a história contada oralmente pelo os anciões, foram fundamentais para entender por onde o povo Laklãnõ/Xokleng

andava, pois nestas coleções, consegui identificar alguns artefatos que são Laklãnõ/Xokleng.

As dificuldades que encontrei foram de identificar quando o povo deixou de produzir as pontas de flechas de materiais líticos. Por que os materiais líticos da figura - 01 acima foram deixados no local aonde foram coletados ou há quanto tempo estavam lá, principalmente por que a mão de pilão, se na época ela era usada no dia a dia do povo Laklãnõ/Xokleng.

8- REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Artur H. F.; Parellada, C. I.; Campos, J. B. Arqueologia no siul do

Brasil.. Criciúma, SC: Núcleo Regional sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Ed. UNESCO, 2011.

CORTELLETI, Raphael. 2013. Projeto arqueológico Alto Canoas - Paraca: um estudo da presença Jê no planalto Catarinense. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia.

LAVINA, Rodrigo. Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etnohistória e Sugestões para os Arqueólogos. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, UNISINOS, São Leopoldo, 1994.

LOCH, S. . Arquiteturas jê no sul: para uma antropologia do espaço xokleng. In: I Seminário Arquitetura e Conceito, 2003, Belo Horizonte. I Seminário Arquitetura e Conceito, 2003.

MACHADO, Juliana. História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa. Revista de arqueologia, V o l u m e 2 6 - n 1 : 7 2 - 8 5 - 2 0 1 3

ROHR, João Alfredo. O sítio Arqueológico de Alfredo Wagner. SC – VI-13.

Pesquisas, Antropologia, n17, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1967.

SANTOS, S.C. 1973 Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis : Edeme.

9- REFERENCIAS TRADICIONAIS:

Sr. Alfredo Paté, ancião da comunidade Laklãnõ/Xokleng.

Sr. Paté Vanheky Paté Filho, ancião da comunidade Laklãnõ/Xokleng.


Dona Tereza Paté, anciã da comunidade Laklãnõ/Xokleng.

ANEXOS



Anexo 01: Território tradicional Xokleng. Fonte: Lavina 1994



			<p align="center">MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF</p>		
DESCRIÇÃO: <p align="center">TERRA INDÍGENA IBIRAMA - LA KLANÔ</p>			PLANTA: <p align="center">DELIMITAÇÃO</p>		
MUNICÍPIO: <p align="center">Doutor Pedrinho, Itaipópolis, José Boiteux, Rio Negro e Vitor Meireles</p>			SUPERFÍCIE: <p align="center">37.108 ha</p>		
ESTADO: <p align="center">SANTA CATARINA</p>			PERÍMETRO: <p align="center">110 km</p>		
CURITIBA			ESCALA: <p align="center">1:200.000</p>		
PROCEDO:			DATA: <p align="center">13/09/1999</p>		
BASE CARTOGRÁFICA: <p align="center">MJ-2880, 1/2880,2 2880,3/2880,4</p>					
REP. TÍT. DEFINIÇÃO LIMITES:			REP. TÍT. IDENTIFICAÇÃO LIMITES:		
PORTADA Nº:					
VALORES DE SUA PRIMEIRA ANOTAÇÃO/LOGO			PLANO DE LER COMEÇAR A SER APROVADO		
			MANEJO PROPOSTO DO CILINDRO		

O círculo maior em vermelho (número 2), está indicando aproximadamente a localidade de Varaneira do município de Rio do Campo e Vitor Meireles-SC, aonde foram encontradas pontas de projétil de material lítico (pontas de flechas) pelo Sr. Osvaldo Leandro, que se encontra na Figura-03 acima.